O OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

22.º Anno — XXII Volume — N.º 732

30 DE ABRIL DE 1899

Redacção — Atelier de gravura — Administração

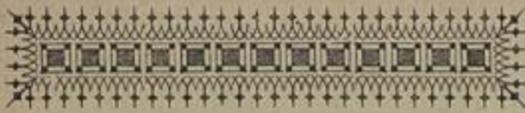
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

O PINTOR PEDRO ALEXANDRINO DE CARVALHO

Copia do retrato pintado por elle proprio, existente na Academia de Bellas Artes

(Aguarella do sr. J. R. Christino)

CHRONICA OCCIDENTAL

O caso do Bigode continua a interessar a opinião.

Quem matou a Miraldes? Que é do Pina? Porque veio o guarda-portão contar aquella historia?

Depois de tão unanimemente condemnado, estará um innocente dentro d'aquellas grades do Limoeiro?

E as opiniões são tão diversas como estapafurdios ás vezes os commentarios.

O advogado do réo tomou honradamente a peito o descobrimento da verdade, e, emquanto, segundo se affirma, a policia parece fazer pouquissimo caso das revelações do porteiro, o sr. Carvalho Pessoa poz-se em campo, procurando todas as maneiras de fazer luz, em tantas inesperadas complicações.

Um verdadeiro romance á antiga, cheio de peripecias, de casos imprevistos, fugas, desapparecimentos, crimes esquecidos, processos sahindo novamente da poeira dos archivos.

E a duvida, que em muitos deixára o extracto do julgamento publicado pelos jornaes, torna-se maior agora, toma maior vulto, cria muito superior importancia.

Anda nas maximas dos philosophos, anda nos livros mais sabios, a duvida sobre a justiça humana.

Ainda fóra da questão mais importante, da definição exacta do que seja um crime, como os homens são fallíveis em suas investigações, em seus raciocinios, em suas conclusões!

Tão fallivel a justiça a si mesmo se considera, que permitte o recurso para outras instancias.

Mas a maioria ainda pode errar e a duvida que subsiste é legitima.

Os casos multiplicam-se. E não falaremos senão d'aquelles em que só houve boa fé.

Ás vezes, como no processo Dreyfus, os juizes podem ser accusados e ha que gritar pela justiça contra a justiça. Não se trata então d'um erro, mas d'um crime.

Infelizmente, interesses geraes ou particulares teem mudado muita vez a posição dos verdadeiros réos nos tribunaes. Em nome da lei commetteram se muitos crimes historicos, muitos desgraçados padeceram vergonhas e tormentos. O criminoso repugnante sentava-se na cadeira do juiz.

Mas não é d'isso que havemos aqui de falar. Não se trata de taes interesses agora.

Ha, porém, um pequeno defeito inherente á natureza humana, que, muita vez, aos homens melhor intencionados pode, em certos casos mais escuros, perturbar as faculdades da visão.

Desembaraçar a meada, achar o fio que conduz á luz em meio do labyrintho, afaga a vaidade, muita vez ferida pelas censuras, quando um criminoso mais esperto consegue fugir a todas as investigações, romper os cordões mais cerrados.

Ha uma certa gloria em provar que toda a luz se fez, que a todos os enigmas se achou conceito, a toda a duvida explicação. A natureza humana não permitte verdadeira imparcialidade, quando esteja em jogo uma pequenina gloria, d'um lado a approvação de todos os passos que démos, d'um outro uma censura, por muito ligeira que seja, ao nosso ponto de vista, á nossa miopia.

As proprias testemunhas terão quasi sempre uma certa tendencia ao exagêro. É vulgar, embora inexplicavel, que muitos se gloriem de ter visto, embóra por acaso, melhor do que os outros, aquillo que é falado, que é discutido, que atrahe as attenções.

E é d'isso, de atrahir as attenções, que a maior parte da gente gosta.

Quando succede um desastre, toda a gente estava lá ou escapou por um triz!

O sugeito que escapou por um triz é tudo que ha de mais vulgar.

E se os homens são assim, não é um juramento, cuja importancia a maior parte d'elles ignora, que lhes ha de mudar a natureza.

É de crimes que se fala. Pois nada vai tão opposto ao assumpto como o tempo que vai correndo.

Que linda primavera! Que opulencia de vegetação! Flores não faltam para a batalha. Não deveria faltar animação aos combatentes.

Para essa festa fizeram-se umas vedações na Avenida de Liberdade e as grades que puzeram na Praça dos Restauradores vieram a muitos lembrar a antiga apparencia dos portões do Passeio Publico.

E foi por isso que aquellas grades de páo tão faladas foram, que tanta gente por curiosidade as quiz ir ver.

E olhavam com saudades.

Se passaram tantos annos! Como saudades não ha de ver? E a memoria la reconstruia aquelle largo, a rua do Principe muito mais apertada, a quinta do Marquez de Castello Melhor todo aquelle pedaço de Lisboa da nossa mocidade, da cidade tão transformada agora.

E parecia-nos melhor assim como era d'antes, porque ali tivemos alegrias que nunca mais podemos ter, sonhámos como nunca mais podemos sonhar, ali rimos, com companheiros, que se nos foram para sempre, boas gargalhadas em que nunca mais havemos de escancarar as boccas.

Pois não era melhor como era d'antes, não. E' este dos rarissimos casos em que as saudades não teem razão nenhuma. Apezar dos pardeeiros construidos pela Avenida fóra, muita casa-caserna e muitas de máo gosto, a obra foi boa e temos afinal na cidade onde dar um banho d'ar fresco aos pulmões.

Mas deixal-o. O tempo que passou ha de ser sempre o melhor e todos se hão de lembrar saudosos dos antigos cisnes de marmore, da banda dos marinheiros, dos fogos de vista, do tanque que o João Burnay, vestido e calçado, um dia atravessou, porque estava com a mania das linhas rectas.

A batalha das flôres foi a festa com que a primavera se despediu.

O calor vai augmentando e apenas as noites conservam uma deliciosa frescura.

Uns theatros vão fechar, outros mudam de companhias. Já grande parte da população rica de Lisboa vai afivelando as malas, partindo para o campo.

Não tardará muito que em Cintra os hoteis se encham. D'aqui a pouco chega o tempo d'essas terras balneares, algumas tão bellas e pittorescas.

Lisboa pouco dará que falar de si. A ultima festa elegante ainda deu umas columnas para o *high-life* e acabou-se.

A feira d'Alcantara arma as suas barracas de quinquilherias, de pim-pam-puns, de comes e bebes, de cafés de camareras, de titeres.

E' uma feira pobresinha, pouco falada.

O anno passado ainda houve no verão a feira franca no alto da Avenida, onde o homem das pulgas fez fortuna e onde á noite a gente de Lisboa ia respirar um bocado, descançando dos calores do dia.

Mas este anno nem isso. Consta que alguns theatros ficarão abertos. Alguns farão bom negocio.

O que ainda dá aos jornaes uma certa animação e faz recordar o inverno é o conservarem-se abertas as camaras por emquanto.

Mas a politica vai murcha e a indifferença é geral. Os assumptos mais graves não chegam a commover o publico. Acredita-se pouco nos politicos n'uma terra em que o saber enganar é a melhor prova de esperteza.

Por isso mesmo um livro sincero, escripto por um homem honradissimo, foi acolhido com enthusiasmo. Quasi tão illustre como a sua espada é a penna de Mousinho de Albuquerque. Escreve verdades aos punhos com uma sinceridade eloquente, com a mesma bravura com que commandou as tropas portuguezas na gloriosa campanha d'Africa.

Livro superiormente escripto, possa servir a lição dada por quem tão profundo amor manifesta ás coisas de Portugal. Não se contentou Mousinho com os serviços prestados no campo de batalha, que só elles por si o tornariam glorioso. Quiz mais. O coração já dera muito, era preciso que o cerebro desse o resto.

Quando Mousinho fala é obrigação de portuguez escutal-o.

Entretanto assumptos muito mais mesquinhos teem adquirido muita vez importancia maior nas discussões politicas. Os animos exaltam-se, a rhetorica brilha, os ápartes fervem.

E agora que os theatros vão fechar, as galerias das côrtes para muitos substituem os camarotes.

Espectaculos. Ha quem se pele por elles, sejam de que natureza forem. Os de graça são os melhores.

A companhia portugueza que funccionou no theatro D. Amelia, desde meiado de outubro, com exito enorme de palmas e fundos no camaroteiro, deu sexta feira o ultimo espectaculo.

Tivemos depois opera italiana com cantores portuguezes. Esses mesmos, segundo se diz, cantarão brevemente as mesmas operas em portuguez, devido isso á iniciativa de D. Francisco de Sousa Coutinho, o excellente batytono.

O exito obtido na apresentação deve-lhes dar animo para novas e mais vantajosas tentativas.

Um bravo a todos!

João da Camara.

A NONA EXPOSIÇÃO DO «GREMIO ARTISTICO»

Encerrou-se no dia 25 do corrente a nona exposição do *Gremio Artistico*, com a assistencia de Suas Magestades El-rei D. Carlos e Rainha a Senhora D. Amelia, pelo que teve esta cerimonia elvada significação, pois Suas Magestades honraram sempre esta exposição não só com o concurso de suas obras, mas com a sua presença a estes actos solemnes.

De facto entre as obras expostas figurava, sem duvida, em primeiro logar, um desenho a pastel, *O levantar de uma armação do atum*, no Algarve, do Senhor D. Carlos.

A exposição d'este anno não foi tão numerosa em obras d'arte, comparada com as dos annos anteriores, e ainda que não se possa considerar isenta de exhibições que melhor fôra não figurassem n'aqulle certamen, apresentou comtudo quadros de valor, que mostram bem que os seus auctores não se teem deixado adormecer sob os louros colhidos, e vão antes progredindo.

N'estas circumstancias se encontra o sr. Malhôa que, sem concorrer com a abundancia de obras de outros annos, apresentou o retrato da Ex.ma Sr.a D. Eugenia Relvas e seus filhos, magistralmente pintado, e mais dois quadros *As papas* e *No forno* que são duas télas preciosas, a ultima de um collorido vivissimo mas sem crueza e antes harmonioso e alegre.

O quadro do sr. Luciano Freire *Perfume dos Campos* é uma phantasia que nos dá a suavidade do campo em contraste com a vida torbolenta da cidade. Do calice do lyrio da montanha se envolla envolta no perfume, uma figura vaporosa de mulher. Lá em baixo e distante está a cidade com os seus palacios e fabricas com altas chaminés, d'onde saem rolos de fumo que se acomulam no ar envolvendo figuras como cadaveres em confuso torbilhão de uma lucta desesperada.

É uma bella alegoria.

O sr. Salgado expôz um bello retrado do Sr. Dr. Lobo Alves e mais duas cabeças de estudo, sendo uma de um rapazinho, que dominnou *Flôr do mar*, muito apreciavel.

Um quadro *Arredores de Evora* do sr. Ramalho, sustenta bem a reputação de paizagista do seu auctor, o mesmo não diremos dos seus quadros *Apanha da azeitona* e *Os burros do sr. Doutor*, que são menos cuidados e feitos, evidentemente, com precipitação.

Uma paizagem do sr. Carlos Reis, *Dezembro*, é um pedaço de téla, bem pintado e que dá perfeitamente a impressão do inverno e do frio; tem largueza e ar

Tambem figurou n'esta exposição o quadro do sr. Condeixa *Recepção feita pelo Samorim de Calicut a Vasco da Gama*, feito para o concurso aberto pela Sociedade de Geographia, por occasião do Centenario da India, e que é um trabalho de grande merecimento, que representa muito estudo, mas que se recente, talvez, do pouco tempo que o auctor teve para o executar.

O sr. Condeixa expõe ainda mais seis quadros de paizagens, alguns felizes e bem estudados que não desmerecem dos creditos d'este artista.

O Cabo Tormentorio é uma grande téla do sr. Vaz, reputado pintor de marinhas.

A caravella vae correndo por sobre o mar revolto, sob um ceu azul onde pairam figuras aladas de anjos, vaporosos, guias do grande navegador e que aplacam as tormentas do Cabo que se esboça no horisonte. É este quadro, como se vê, uma alegoria.

Mais sete quadros de marinhas completam a exposição d'este artista, e em todas elles ha luz e ar, qualidades que distidguem as télas do sr. Vaz.

Em marinhas expõe tambem o sr. Dantas um bello quadro *Batalha Naval de Ormuz*. É merecedor de todo o elogio o sr. Dantas pela serie de quadros historicos que tem feito da epopea maritima portugueza, de que nenhum outro artista se tem occupado apesar de não faltarem assumptos de gloriosa recordação.

Não deixaremos de notar um quadro do sr. Almeida e Silva, de Vizeu, *Depois da refeição* pintura bem acabada, representando um trabalhador que depois da sua parca refeição, de que ainda se vêem restos sobre a mesa, acende o seu cigarro. O effeito do phosphoro aceso que illumina parte do rosto da figura é de uma perfeita illusão, como raras vezes temos observado em pintura.

É tambem de notar uma paizagem do sr. Galhardo, assim como *O argueiro* da ex.ma sr.a D. Sara de Vasconcellos Gonçalves, representando duas creanças do campo, em que uma d'ellas está soprando o argueiro do olho da outra. É bem observado e de boa pintura.

Do sr. Jorge Collaço, *Uma esquina* que representa um bom typo de moço de fretes, bem observado.

Outros quadros se viam ainda pelas salas da exposição, dignos de apreço, como os do sr. Gyrão, *A mãe*, uma galinha no choco; *Carro de bois* da ex.ma sr.a D. Emilia Lopes; *Noche-Buena* de Mademoiselle Benard; *A mouca dos Novellos* do sr. José de Brito; *Manhã de S. João* da ex.ma sr.a D. Adelaide Fernandes; *Na fonte* da ex.ma sr.a D. Elisa Lopes; *De volta a casa*, da ex.ma sr.a D. Henriqueta Lopes; do sr. Torquato Pinheiro, um bello retrato de sua mãe e uma vista do Mosteiro de Leça do Bailio; do sr. Henrique Pinto, *As formigas no mel*; da ex.ma sra. D. Maria Simões, *Jogando as cristas* e *Perús*; uns estudos da ex.ma sr.a D. Maria Trigoso, etc.

Em aguarellas viam-se as do sr. Alfredo Guedes; Ribeiro Arthur, Dockery e Roldan, dignas de menção.

Em esculptura apenas se via na exposição um busto em gesso, estudo do sr. Motta e um esboço para monumento a Mousinho d'Albuquerque do sr. Queiroz Ribeiro.

Em architectura, projectos do sr. Eduardo Alves para uma capella funeraria e do sr. Antonio Couto um amphitheatro de Historia Natural.

A pastel notaremos *A mulher com os gatos* do sr. José de Brito.

Se a ultima exposição não marcou um progresso notavel na arte de pintura, e se a ella não concorreram todos os artistas, como seria para desejar, não se póde considerar desanimadora. Antes é para louvar como o *Gremio Artistico* vae insistindo no seu proposito de levantar a arte portugueza.

R.

O TESTAMENTO DO POPULARISSIMO PINTOR

PEDRO ALEXANDRINO DE CARVALHO

(Concluido do n.º 731)

II*

Contemplados os parentes, lembra-se o bom Pedro Alexandrino das suas duas criadas, Claudina e Josepha Rosa, domesticas antigas de sua casa bem provavelmente, e que, pelo menos, apparecem em seguida ao seu nome e ao de sua enteada D. Marianna Barbara, nos roes das desobrigas da sua freguezia, desde 1806, anno em que o artista veiu da travessa da Quinta Velha (depois travessa *do Pintor*) para o sitio onde falleceu. A Claudina Rosa era viuva, tinha um filho chamado Antonio Angelo, de profissão alfaiate, e a quem parece que o Pedro permittira habitar com elle tambem, visto como no anno anterior ao da morte do artista apparece egualmente este Antonio Angelo, com a designação de «filho», após o nome da criada Claudina no rol das desobrigas d'esse anno. Certo é que Antonio Angelo foi uma das testemunhas da approvação do testamento, e ahi se dá como residente na travessa das Parreiras, (da freguezia de S. José). [1] Pedro Alexandrino deixou-lhe «o seu capote melhor».

Por voltar ás duas criadas, deixou seu amo «cinco moedas» á Claudina, e «oito» á Josepha, devendo pagar-se-lhes os ordenados «que lhes devo, e ellas dirão» [2].

Vem a seguir as «pessoas necessitadas», e são: D. Archangela, a comadre Basilisa Rosa, Joanna Thereza e a filha da Basilisa, afilhada d'elle testador

A cada uma d'estas deixa, «pela amor de Deus», duas moedas. Ao afilhado José Maria, filho da Joanna Thereza e á segunda filha da Basilisa, 6$400 a cada um, tudo por uma só vez, e tudo em metal, podendo ser.

[1] A *Regulação para o estabelecimento da pequena posta* (1800), já citada em nota anterior, dá conta de *tres* disticos «das Parreiras», duas ruas e esta travessa.

Uma das testemunhas da approvação do testamento, Sebastião Diogo Ferreira Anapas, declara-se negociante, morador na travessa *Larga*. Esta travessa fôra conhecida no seculo anterior por travessa *Larga do Macedo*, e tal a dá a «*Relação Universal das Pessoas Pobres Recolhidas, etc., que morão nas parochias desta cidade*» (1768): Travessa Larga ou do Macedo, na *Regulação* supracitada.

[2] Além de varios fragmentos de prata, como adiante se verá, em que a ambas deu parte.

Finalmente, tendo distribuido por quantos o rodeiavam parentes, adherentes e domesticos, boa parte de seu modesto cabedal, o bom Pedro Alexandrino, lembrado decerto de quanto lhe teria custado, no principio da sua vida romper por ella, então quando mal pensava em vir a ser para os seus conterraneos o *grande* PEDRO ALEXANDRINO, deixava tambem ao Seminario dos orphãos do reverendo padre Antonio Luiz, por uma só vez, uma lembrança de 19$200 réis, em dinheiro de metal, visto poder ser.

Finda esta distribuição, leem-se os seguintes periodos.

III

«Declaro, manda Pedro Alexandrino escrever, que os 400$000 réis que acima deixo ao meu afilhado Nicolau José, não se lhe entregarão na mão, por não ter sufficiente intelligencia para os poder governar. Os senhores testamenteiros poderão pôl-os a juro, e ver se dão seis por cento ou mais, pois passa de quarenta annos, e por morte d'elle ficará extincta a mesada para quem emprestou o dinheiro, acabando por morte d'elle, mas em vida, que fique seguro, que será bom *emprestar a algum convento* o dito juro ou quem tenha seguras hypothecas, para lhe não faltar todos os mezes com as suas mesadas.»

Parece pois que o afilhado do benemerito testador era algum desassisado, já quasi a meio da vida, a quem elle desejava amparar ainda além da campa. Era barbeiro, e residia na calçada do Duque. Foi uma das testemunhas da approvação do testamento, e ahi assignou com o appellido que lhe impozera o padrinho; — Nicolau José Alexandrino. Este contemplou-o ainda na distribuição que fez de roupas de seu uso, como logo se verá.

Segue-se no testamento mais esta declaração:

«Declaro que ha seis annos tinha feito outro testamento, no qual deixava maiores quantias, mas *depois que os francezes vieram* [1] faltaram-me as obras, varias molestias que tenho tido, vi-me obrigado a ir extinguindo varios bens para o meu passadio. Assim não os poderão procural-os (*sic*) senão os que estivessem empenhados, mas dos que existem deixo:

«A minha sobrinha D. Anna, o faqueiro de duzia, com o talher grande, irmão, e se lhe faltar alguma, (peça?) se lhe mandará fazer.

«A minha enteada D. Marianna lhe deixo a salva maoir e as colherinhas de chá.

«A minha sobrinha D. Maria Camilla lhe deixo os castiçaes de prata, e os mais fragmentos de prata os deixo ás minhas criadas, que vem a ser; a colher grande cuva, a salva pequena, espadim faca de mato, fivellas, etc.»

Vem a seguir os legados em roupas e outros artigos.

A Antonio Angelo, o capote melhor, como já ficou dito Ao afilhado Nicolau José, um colchão, dois lençoes e a coberta, tres camisas, uma casaca e chapeu. Ao sobrinho Joaquim Gerardo, «o meu leito.»

A José Maria de Lara, [2] provavelmente, o marido da sobrinha D. Anna, «o meu Santo-Christo grande de marfim, e dois paineis que elle quizer escolher.»

*

* *

Apezar do cuidado que este santo homem punha, em seus dias extremos, em deixar contentes, satisfeitos e galardoados por seus disvélos, dedicação e amizade quantos o rodeiavam, e remediados conforme poude os parentes pobres, sempre elle temia — e lá teria suas razões — que a miseria d'esta nossa villissima condição humana, cerrados para sempre seus olhos, não viesse a revelar-se, como tanto costuma em semelhantes occorrencias, atacando as intenções dos testadores, e questionando o valor dos legados. sem pudor e sem respeito pela memoria dos defunctos. Por isso accrescentava:

«Como sempre em materia de heranças ha descontentes, julgando sem razão as resoluções do testador, para que a ambição não perturbe a boa ordem e harmonia que desejo em todos, determino que se algum tiver semelhante intenção, pondo-a por obra, ficará para sempre excluido da parte que lhe deixo; pois este testamento foi feito, não, á hora da morte, não, tendo delirio tresvalio ou demencia, mas sim com saude vigorosa, e em perfeito juizo e muita reflexão E como nos mais bens não tem parte herança de parente, ou de outra qualquer pessoa, mais que o trabalho produzido da minha arte, tenho toda a liberdade de os deixar a quem bem me parecer, *sem dar satisfação das desigualdades*, pois são (umas?) dirigidas pela consciencia, e outras voluntarias».

O remoque pelos pequenos legados feitos aos sobrinhos, em comparação da larga parte reservada ás sobrinhas, das quaes uma é instituida herdeira do remanescente, é frisante. Os motivos da desigualdade ficaram com o testador, mas é evidente a sua intenção de dar este seu testamento como redigido desde muito *in petto*, e em vista do que ia observando da parte de uns e de outros. O quinhão de cada um não seria. pois, assim, obra da *ultima hora*, mas producto de uma resolução de muitos annos. — E vamos lá...

Pensa, porfim, Pedro Alexandrino no meio de facilitar a satisfação *em dinheiro de metal*, isto é, em *sonante*, e não em moeda papel, dos legados que determinára, e para isso:

«Quero, accrescenta, que os meus testamenteiros mandem declarar na Gazeta a venda da minha quinta, com todas as suas pertenças, a qual poderão vender a quem mais por ella der.»

Fecha, finalmente o testador o seu testamento, nomeando por seus testamenteiros, em primeiro logar, «ao senhor Padre Antonio Luiz, que tem seminario na rua de S. Bento, e em segundo, ao senhor Manoel Francisco (da Costa) [1], negociante, morador na rua das Pretas, aos quaes peço queiram dar cumprimento a esta minha ultima vontade.»

E' de justiça testemunhar que assim se fez. Logo na *Gazeta de Lisboa* n.º 34, de terça feira, 6 de fevereiro de 1810, se lê o seguinte «*Aviso*», dos tres publicados n'esse numero:

«Quem quizer comprar uma quinta junto ao chafariz da Povoa de Santo Adrião, que foi de Pedro Alexandrino, e consta de casas nobres, pomar de espinho e vinha, vá fallar com o seu testamenteiro, em Lisboa, na rua de S. Bento, o padre Antonio Luiz, que tem todos os poderes para a venda» [2].

Deste annuncio se colheu o que no testamento não é expresso; isto é, o sitio da quinta. Guiado pelo proprio testamento, haviamos recorrido á *Gazeta*, e agora só nos restava completar as informações a que aquelle immovel se prestaria.

Passava-se isto em 1880. Escrevemos pois ao nosso bom amigo, hoje fallecido já, o sr. Domingos Antonio Pereira, proprietario da quinta da Mealhada, em Loures, e d'elle recebemos os seguintes esclarecimentos:

«A quinta que foi de Pedro Alexandrino de Carvalho, junto ao chafariz da Povoa de Santo Adrião, é hoje chamada *Quinta do Penha*, por ter sido seu proprietario Francisco de Almeida Penha, que foi escrivão do deposito publico.

Hoje, pertence á sua viuva, D. Joaquina dos Prazeres da Silva Penha, e comquanto haja mudado de denominação, é certo que nos titulos tem o nome de *Quinta do Pintor*, havendo todo o fundamento, por tradição local, que foi Pedro Alexandrino o seu fundador, assim como, que foi este artista que mandou edificar o chafariz junto ao qual a quinta se acha. A agua que o alimenta vem da quinta, e uma inscripção embutida em um dos cunhaes do chafariz, pede a quem ler um P. N. e uma A. M. por alma do fundador da obra».»

O que o nosso obsequioso informador nos não disse, mas verificamos nós em maio passado, vindo por ahi de caminho, é que o painel do chafariz se acha ornado com as armas do concelho lisbonense — o tradicional galeão medievo, — em cujo desenho elegante e largo se advinha o risco de um artista de gosto.

Pedro Alexandrino adquirira acaso as terras de que fez a sua quinta, quando andou pintando o retabulo da capella-mór da egreja matriz da terra, bem como os quatro quadros a oleo, sobre a cimalha.

Em 14 de maio de 1880 nos escrevia o artista distincto, a quem no principio d'esta noticia nos referimos, o bom Antonio Januario Corrêa:

«O retabulo é pintado a fresco e a claro escuro. Representa um portico encimado por dois

[1] É nosso o italico. Ficámos devendo d'estas lisonjeiras recordações á França do Primeiro Imperio.

[2] Official papelista da secretaria do Conselho da Fazenda, na repartição do Reino, morador na calçada de Sant'Anna, n.º 90.

[1] Assim se assignou, com o escrivão do Registo Geral dos Testamentos, no aucto da apresentação deste, de que se tem dado noticia.

[2] A's pessoas que desejem obter noticias do benemerito Padre Antonio Luiz de Carvalho, que nada impede possa ser parente de Pedro Alexandrino, visto o appellido, e a grande e particular amisade que deve ter existido entre estes dois excellentes corações, lembramos a leitura dos copiosos artigos que ácerca do *Seminario da Caridade dos Meninos Orfãos* escreveu o conselheiro José Silvestre Ribeiro, outro coração não menos benemerente das lettras patrias, em sua *Historia dos Estabelecimentos Scientificos Litterarios e Artisticos de Portugal*, vol. II, pag. 128 e III, pag. 419.

Nona Exposição do «Gremio Artistico»

O LEVANTAR DE UMA ARMAÇÃO DE ATUM — *Desenho a pastel de S. M. El-rei D. Carlos*

O CABO TORMENTORIO — *Quadro do sr. Vaz*

ARREDORES D'EVORA — *Quadro do sr. Ramalho*

NO FORNO — *Quadro do sr. Malhôa*

FLOR DO MAR — *Quadro do sr. Salgado*

Nona Exposição do «Gremio Artistico»

VASCO DA GAMA PERANTE O SAMORIM DE CALICUT
— *Quadro do sr. Condeixa*

O JOGO DO PEÃO — *Aguarella do sr. Dockery*

A MULHER COM OS GATOS — *Desenho a pastel do sr. J. Brito*

AMPHITHEATRO DE HISTORIA NATURAL — *Projecto do sr. A. Couto*

anjos. Foi repintado e *estruido*. Quem quer que tomou a empreitada não tinha competencia para tocar em obra de mestre tão distincto. [1] Os doutores da Egreja, a oleo, sobre a cimalha, escaparam da profanação, tendo havido quem aconselhasse que os lavassem, apenas, com agua simples».

Fecharemos esta noticia com a:

Nota ordenada dos legados constantes do testamento de Pedro Alexandrino de Carvalho, distribuidos por uma só vez, para serem pagos em dinheiro de metal:

	Em dinheiro
Ao Parocho da sua freguezia (offerta)	12$800
Aos Loios de S. Pedro d'Alcantara, com a sua carta de *Pae de Frades*	6$400
A sua sobrinha D. Anna Maria de Lara, com o seu faqueiro de duzia, e talher grande irmão	200$000
A sua sobrinha D. Maria Camilla, com os castiçaes de prata	200$000
A sua enteada D. Marianna Barbara, com a salva maior e as colherinhas de chá...........	200$000
A seu enteado, João José Libanio...	12$800
A seu compadre Joaquim José de Sampaio	200$000
A seu afilhado Nicolau José Alexandrino, com as clausulas que do testamento constam, e varias peças de roupa e fato........	400$000
A seu afilhado José Maria, filho de Joanna Thereza............	6$400
A' sua afilhada, filha de Basilia Rosa	9$000
A seu irmão Francisco Xavier.... ..	50$000
A sua cunhada D. Joanna (mulher do precedente?) «*para hum fumo*»....	24$000
A sua prima Genoveva Violante....	24$000
A seus sobrinhos: Padre José Ignacio.....	24$000
Freire João Liborio.....	24$000
José Cyprianno...... ..	24$000
Joaquim Gerardo, além do seu leito....	24$000
Capitão Francisco Eliziario............	24$000
A José Joaquim Gomes...........	19$200
A Francisco João................	19$200
A' neta de sua mulher filha de José Maria, além dos 16$000 réis do inventario de sua mãe, de que o testador fôra depositario....	4$000
A' sua criada Claudina, além da parte nos fragmentos da sua prata......	24$000
A' sua criada Josepha Rosa, além da parte nos fragmentos da sua prata, como acima..	38$400
A's seguintes pessoas necessitadas:	
D. Archangela.....................	6$400
A sua comadre.....................	6$400
Basilia Rosa e sua segunda filha....	12$800
Joanna Thereza....................	6$400
Ao Seminario dos Orphãos, do Rev. Padre Antonio Luiz..............	19$200
Somma total dos legados em dinheiro	1.622$000

além das esmolas das missas e dos 16$000 réis que mandou entregar á neta de sua mulher, pelo motivo acima mencionado.

Legados em moveis sómente:

A José Maria de Lara, o seu Santo Christo grande, de marfim, e dois paineis á sua escolha: Ao filho da criada Claudina, Antonio Angelo, o seu melhor capote.

Herdeira universal do remanescente de seus bens; sua sobrinha D. Anna Maria de Lara.

Resta explicar que o testamento de que temos dado noticia se acha registado no respectivo *Registo Geral*, L.º 362, a f. 70, que se guarda no Archivo da Procuradoria Regia da Relação de Lisboa.

A copia que utilisámos foi-nos obsequiosamente ministrada pelo sr. Figueiredo Feyo, antigo primeiro official da Secretaria d'aquelle tribunal hoje aposentado, não sendo este cavalheiro dos que menos captivaram o nosso reconhecimento, pela sua amavel condescendencia, entre o numero dos que por nós foram importunados para contribuirem com as noticias, graças ás quaes elucidámos não só este estudo, mas o que sobre o mesmo sympathico assumpto publicámos em 1890 no *Commercio de Portugal*, commemorando a data de 27 de novembro de 1729, anniversario do nascimento de Pedro Alexandrino de Carvalho.

Almada, 1898.

Gomes de Brito.

[1] Já Taborda se queixava das «brutalidades commettidas pelos iconoclastas, que tudo estroem reedificando». — *Regras da Arte da Pintura*, pag. 183.

Reconstituição da marinha de guerra portugueza

O LANÇAMENTO AO MAR DO CRUZADOR «RAINHA D. AMELIA»

(Concluido do numero antecedente)

O pessoal dirigente das construcções navaes, que tanto se distinguiu no fabrico do novo cruzador é assim composto: conductor de trabalhos Berthé; mestre Isidoro de Souza; contramestres Eduardo Freire, que dirige os trabalhos de officina, Guilherme Julio de Almeida, que dirigiu a construcção do navio; operarios chefes Lamego, encarregado do forro exterior do navio; José do Carmo, encarregado da escada; Joaquim Pedro de Faria, encarregado da sala do risco e levantamento de formas e modelos. A todos estes habeis contructores rendemos novamente os nossos louvores, pelo brilhante exito que alcançaram com o seu trabalho. Prestada esta homenagem, tão justa e merecida, descreveremos as ceremonias da benção e do lançamento ao mar do novo cruzador, que tiveram logar nos dias 9 e 10 do corrente mez.

A tocante cerimonia da benção do novo cruzador, que se realisou na vespera do dia do lançamento ao mar, teve o devido brilhantismo, durando cerca de tres quartos d'hora.

Pouco depois das 2 horas da tarde, saia processionalmente da capella de S. Roque, no Arsenal, o rev. conego Sant'Anna, capellão chefe da armada, acompanhado pelo rev. prior da freguezia de S. Julião, e precedido pela irmandade de S. Roque e seguido por muitos officiaes e engenheiros navaes, dirigindo-se para o cruzador a bordo do qual todos entraram, procedendo-se alli á cerimonia da benção, que se fez a começar no tombadilho e seguindo pelos dois bordos do convez. Tambem para o interior do navio o rev. Sant'Anna lançou agua benta pelas escotilhas. Em seguida, e com o mesmo acompanhamento, se procedeu á benção pela parte exterior do casco, terminando á prôa.

A irmandade levava umas setenta capas e ia de cruz alçada, empunhando a vara de juiz o mestre geral sr. Lisboa. Como mandador ia o sr. Guilherme Julio de Almeida. O cortejo era realçado por grande numero de officiaes da armada e outros funccionarios do Arsenal. Quando entraram a bordo do cruzador foram desfraldadas as bandeiras nacionaes em todos os mastros, que eram tres na linha media do navio e quatro sobre os reductos das peças.

A cerimonia assistiram mais de duas mil pessoas, sendo a entrada franca no arsenal, o que tornou o acto muito luzido e digno da sua alta significação.

Grande festa foi porém a do lançamento ao mar do novo cruzador, no memoravel dia 10 do corrente. Festa e jubilo nacionaes, que commoveram docemente quantos milhares de pessoas a ella assistiram.

Desde muito cedo que uma enorme concorrencia de convidados se dirigiam para o Arsenal, onde na carreira, aprompado a correr por ella, se via o alteroso cruzador.

Emquanto não chegavam Suas Magestades, as duas Rainhas, El-Rei e Alteza, que deram entrada no edificio ás duas horas da tarde, era com impaciencia que se esperava o momento da maré attingir as ultimas escoras que seguravam o navio. A medida que as aguas iam subindo retiravam-se as escoras e á uma hora e meia entravam para bordo do navio o pessoal dos serviços maritimos, composto do patrão-mór do arsenal de marinha, dois contramestres e vinte marinheiros do troço do mar, o engenheiro naval Vaz de Carvalho, contra-mestre Guilherme da officina de construcções navaes, chefe operario Ernesto Pinto e 12 operarios para o serviço das escoras e revista do navio, logo que elle cahisse nas aguas. Ás duas horas, dava-se começo á manobra e as ultimas escoras eram retiradas, bem como as *ringeiras* e picadeiros seccos.

Sahiram então Suas Magestades da sala da inspecção e dirigiram-se para a tribuna, acompanhados pelo Ministerio, engenheiro Croneau, dignitarios de serviço e inspector do arsenal, como na nossa estampa da pagina 89 se vê photographado.

Na tribuna, Sua Magestade a Rainha collocava a mão na prôa do cruzador e preparava-se para lhe dar o impulso.

Uns instantes de solemne silencio decorreram no meio da maior anciedade d'aquella multidão enorme. Todos os olhares convergem para a tribuna real. O momento solemnissimo approxima-se. Ouvem-se as palavras do engenheiro Croneau ordenando que se bata a *ringeira*; tiram-se ao mesmo tempo os *picadeiros seccos* de cada bordo. Fica ainda o cruzador immovel. Retiram-se, á ordem do conductor Berthé, as cunhas e empregam-se os macacos hydraulicos.

N'este momento, Sua Magestade a Rainha, com a mão direita apoiada na prôa do cruzador, diz as palavras do estylo, repetindo:

— Vae, vae, vae, em nome de El-Rei!

No mesmo instante, o cruzador escorrega serenamente pela carreira e corta triumphalmente as aguas, altivo e esbelto.

Um côro unisono de palmas, de bravos, e de vivas irrompe de todos os lados, saudando ao novo navio e a quantos contribuiram para a sua construcção. A alegria dos circumstantes attinge o delirio e expande-se em mil acenos de lenços e agitação dos chapéos.

E o novo cruzador singra donairoso, suavemente impellido pela força adquirida, avançando pelo mar fóra livremente.

A familia real retira então da tribuna, e, acompanhada pelas mesmas pessoas, volta á sala da inspecção do Arsenal, onde teem logar os cumprimentos de despedida.

Sua Magestade a Rainha despede-se muito affectuosamente do illustre engenheiro Croneau, dizendo:

— Croneau, os meus parabens e sinceros agradecimentos!

Depois d'esta affectuosa expressão de louvor, regressou a familia real ao paço das Necessidades, terminando assim officialmente a solemne cerimonia do lançamento.

Depois, ainda o engenheiro Croneau offereceu a todo o pessoal da direcção technica e mestrança do arsenal uma taça de Champagne. Foi uma festa intima que se realisou n'uma das salas do edificio, e em que se trocaram enthusiasticos brindes de parte a parte, n'uma confraternidade devéras honrosa.

Os louvores da imprensa aos illustres constructores do novo navio teem sido geraes e a elles nos associamos mais uma vez, com toda a effusão da nossa alma de patriotas. Os louvores officiaes tambem não teem faltado, sendo expressos na Ordem do dia do Arsenal de Marinha, de 11 de abril, em que se lhes dão as mais calorosas felicitações, e no *Diario do Governo*, em que foram agraciados com diversos graus da antiga ordem militar de Nosso Senhor Jesus Christo.

Taes galardões são tão honrosos para quem os mereceu como para quem os concede, e formam a expressão do mais justo applauso do poder mais alto. Vae n'elles a consagração da iniciativa do sr. conselheiro Jacintho Candido, da direcção de Croneau, da cooperação dos outros membros da missão extrangeira, e das faculdades de trabalho, pericia e facil assimilação, que distinguem os operarios portuguezes.

Fique, pois, registado o dia 10 de abril de 1899 como uma data de solemne exaltação da industria nacional.

R. O.

MEMÓRIAS LITERÁRIAS

JOÃO PEREIRA DA COSTA LIMA

I

Não era um bohémio, como lhe ouvimos chamar, uma vêz.

Uma parte da Europa denomina dêste modo o simples habitante da Bohemia, e a outra, a occidental, quer significar o cigano, êsse producto errante de uma raça infecta, como lhe chamariam os antigos, casta embusteira, rapinante, dissoluta e nómada; nós porêm, os portuguêses, damos-lhe uma apropriação mais lata, pôsto que um tanto infundada e arbitrária.

O bohémio pâra nós é o indivíduo ralaço, falto

de palavra e de meios, artista sem arte, escritôr sem letras, vadio de profissão, umas vêzes; noutras, o estroina propriamente dito, indolente, folgasão, vagabundo, fazendo da noite dia, á mêza do jôgo ou do botequim, no alcoice, na taberna ou na rua; rico numa semana, esfomeado e lazeirento, na outra, dormindo indiferentemente num palácio ou numa estrebaria: eivado de preguiça e dívidas, avesso ao trabalho e ao senso commum.

As excepções a esta regra são pouco de notar. Costa Lima não foi portanto um bohémio.

Este representa uma vulgaridade, facil de encontrar: onde houver excesso de leviandade, má creação, falta de trabalho e de brios, ou simplesmente uma doidice, um desiquilibrio inato, não será dificultôso encontrar um bohémio.

Costa Lima, com os seus instinctos primitivos de delicado artista, com uma fôrça espiritual, que pairava por vêzes nas regiões do sonho, com a subjectividade caracteristica de um irrequieto, que se mergulha no vácuo das aspirações indefinidas, desejando muito, conseguindo muito, aspirando a mais e requerendo mais e melhor; hôje insaciavel, amanhã farto e aborrido, cheio de desejos e anciedade num dia pelo que desdenhara na véspera — êste homem de extraordinárias aptidões, que podiam dar, cultas e methodisadas, uma notabilidade, formam um sêr especial e notavelmente contraditório.

Mixto de leviandade e honra, de argucia e probidade, cérebro exaltado e creadôr, organisação inconstante, irrequieta, desambiciosa e ao mêsmo tempo trabalhadôra e inventiva, êsse homem foi um voluvel descomunal de um espírito indomavel e de uma anormalidade rara.

Levou tôda a sua vida a estimar e a desejar o que não tinha; e só estava bem onde não estava.

O dom da ubiquidade não chegaria a satisfazel-o, se lhe viesse ao encalço.

E, caso extraordinário! êste voluvel descomunal não era o ente enfastiado, de testa franzida e maneiras abruptas, que caracterisam os saciados, ou os descontentes, que nunca chegam á meta do seu constante desejar.

Alma limpa e bôa, cabêça leve e desanuviada, Costa Lima lutava com os insuccessos e as mudanças, de ânimo alegre, sem que os factos e o tempo lhe alterassem a complexidade do seu carácter.

Ria, trabalhava, sofria, mudava de posição, gemia e folgava, acto contínuo, de um momento pâra o outro, conforme o caso ou o motivo.

Não antecipemos porêm certos toques colorantes do esbôço, que pretendemos delinear.

Embora estas memórias não tenham propriamente a feição biográfica, ocasiões haverá como esta, em que a personalidade literária não poderá ser bem entendida sem essa feição. O homem e o artista, completos ou não, conservam sempre uma linha inquebrantavel de união.

A creança denunciou o homem, e êste comprehendeu, concretou o artista.

D'ahi a necessidade do apontamento biográfico.

II

João Pereira da Costa Lima, filho de Manuel Pereira da Costa, oficial reformado, e de D. Florinda Amelia de Lima, nasceu na Villa da Feira, a 13 de maio de 1836.

Dissémos que a creança denunciara o homem, e vamos proval-o rapidamente, ao corrêr da penna, referindo-nos a alguns dos factos culminantes da sua meninice.

Aos 9 annos, o pequeno João era um afamado diabrête. Ninhos de pássaros, muros de quintaes e cêrcas e os restos muralhados do castello godo tinham nêlle um atrevido escaladôr; cabêças de companheiros desavindos, arcaboiços de porcos, cães e gatos um terrivel contendôr, a pau e pedra.

Com grave desgôsto da familia, desertava de casa e da escola, frequentemente, mudando de sítio e de divertimentos.

O pae castigava-o a miude, até que de uma vêz o Joãosito, pâra se furtar ás consequencias de uma estroinice da véspera, cujos ecos haviam chegado a casa pela noite, desapareceu na manhã seguinte pâra sítio desconhecido.

A mãe, que em vão o mandara procurar, ás horas do almôço e jantar, amofinara-se, vendo que o dia estava a findar, e que o marido saira desesperado á cata do filho.

Á bôca da noite, entravam ambos no tugurio conjugal, o diabrête suspenso pelas orelhas roxeadas na pressão dos dêdos paternos, e o dono da casa esbaforido e cansado pela caminhada, que dera até ao castello, onde o rapazito cabritava doidamente, atirando comsigo aos escombros, e esfarrapando-se nas muralhas, em perseguição dos pardaes e das borbolêtas, tão suas imitadas e sócias.

Corriam os tempos, mâs o *Joanico da Florinda*, como lhe chamava o pôvo, que nem sempre se comprazia com os brinquêdos turbulentos do rapazote, não ganhava emenda.

O pae, que começava a desesperar da salvação do filho, a que não bastavam privações e castigos, excogitava uma tremenda lição, que lhe servisse de verdadeiro escarmento.

Depois de muito pensar, dirigiu-se á forja de um ferreiro, estabelecido nos arrebaldes, planeou com êlle o que quer que foi; e, voltado a casa, depois de uma conversa rápida com a espôsa, chamou o tunante á sua presença, e ordenou-lhe que se vestisse e o acompanhasse.

D'ahi a pouco, os dois davam entrada na denegrida forja, que ao pequeno pareceu o antro fabulôso de Vulcano, de que lhe falava o seu manual; e o honrado oficial parava diante do fernreiro maioral, que pelo fusco da cara, onde luziam olhos debruados da côr do ferro rubro, se assemelhava ao próprio Vulcano, e falava iracundo assim:

— Aqui tem êste sujeito, que vem aprender o oficio, já que outro lhe não serve. Não lhe dê largas nem oisio, e não o deixe sair, sem recebêr ordem minha. Se êlle tentar fugir, atire-lhe ás pernas com um ferro em braza, de modo que uma bôa escaldadela lhe faça moderar os impetos de grande mariola, que é.

E Manuel da Costa, dando ao côrpo fingidos movimentos de grande iracundia, saiu trovejante de ameaças.

Joãosito, que, havia dias, completara 10 annos, ficou por momentos estarrecido, e lacrimejou, quando lhe marcaram o primeiro serviço, o inicio dos aprendizes, dar ao fole, um maldito instrumento, que ás vêzes lhe bufava pó do carvão e faiscas de lume pâra a cara e mãos, que iam ficar negras, calejadas e entumecidas.

Decorridos alguns dias de rude aprendizagem, que nada suavisava e que pouco tinha de atraente no passadio e na cama, o irrequieto rapaz scismava insistentemente no modo como havia de cometêr uma nova garotada, que o livrasse de semelhante vida.

E nisto pensava êlle certamente, quando uma tarde lhe vieram aos ouvidos os sons fascinantes de duas violas e uma rabeca, enfeitados com as cantigas de uns eegos ambulantes, que tinham parado á porta exteriôr da forja, pâra que lhes dessem esmola.

A meio da inesperada música, que se arrastava numa melopêa desafinadamente dolorosa, uma idêa súbita irrompeu o cérebro do desolado Joãosito. Tivera um acertado e brilhante pensamento; aquella idêa era a sua salvação, que o futuro a Deus pertencia.

Sanches de Frias.

(Continúa)

LIVRO DAS QUE SOUBERAM AMAR

PELA

PRINCEZA * * *

COMMENTADO POR

Arsène Houssaye

LIVRO II

XVI

HAYDEÉ

San Croce dispunha-se a montar a cavallo, quando correndo fui ter com elle.

— A verdade, meu amigo, disse-me elle, estendendo-me a mão, é que ia agora mesmo passar por sua casa, levando o meu pobre Malbrough de passeio ao Bosque.

Ia contar-me a historia do seu cavallo celebre. Mas falei-lhe de Violante.

— Não estava socegado, mas já o estou. Está bom, quer dizer que madame Farretti está boa.

— Quem sabe? disse eu.

Olhou para mim todo espantado.

— Estou que sim, respondeu. De dois apaixonados como os sei, nunca está doente um só. Mas, effectivamente, ajuntou logo, acho-o todo transtornado! Que temos?

— Meu caro duque, vinha perguntar-lhe a nova morada de madame Farretti.

Desceu n'um pulo do cavallo.

— Como? Pois não foi ter comsigo?

— Pergunto-lhe se sabe de Violante.

— Oh! oh! disse o Duque realmente espantado. Isso é extraordinario e peço-lhe que entre em minha casa para que nos expliquemos.

Até então tudo me demonstrava que era o Duque quem havia raptado Violante. Mudei de tom e disse-lhe a meia voz:

— Senhor, sou eu que lhe peço explicações, e todas as explicações possiveis.

— Por Deus, nada sei. A prova está na minha palavra.

Levou-me para o gabinete. Ficou de pé deante da chaminé e eu fiquei de pé deante d'elle.

— Vamos, meu caro amigo, disse-me o Duque com expressão resignada, eis-me prompto para lhe responder a todas as perguntas. Assusta-me, palavra d'honra, tanto me parece abatido; entretanto não esqueça, peço-lhe, que Malboroug tem um feitio muito impaciente e que eu devo-lhe algumas attenções, pois que em dois annos deu-me a ganhar uma centena de mil francos.

— Isso é muito serio, respondi, mas muito mais serio é ter Violante partido precipitadamente no dia seguinte áquelle em que foi comsigo ao theatro.

— E d'ahi que conclue?

— Concluo que é meia noite o Duque deveria saber para onde é que ella havia de partir ás seis horas da manhã.

— Diabos me levem, se o sei! respondeu o Duque. Madame Farretti disse-me, quando me deixou para entrar na carruagem, que esperava vel-o no dia seguinte. Nada mais sei.

— Fale franco, disse ao Duque levantando-me; amou Violante, pelo menos disse-lh'o e ella foi para Napoles esperar os cem mil escudos por anno que lhe prometteu.

San Croce pareceu-me levemente commovido; deu uns passos em silencio e disse-me depois:

— Meu caro Hauteroche, pôe-me o dedo n'uma ferida ainda em aberto; perdôo-lhe, porque vejo que tambem se acha profundamente ferido; mas escute-me bem e creia no que lhe digo: — Gosto ainda de madame Farretti, confesso-o; mas pela forma por que foi acolhido o meu amor, resignei-me a só amal-a platonicamente. Juro-lhe que nada concorri para a sua partida e que ignoro em absoluto onde ella está.

Pegou-me na mão:

— Dou-lhe a minha palavra d'honra de que isto é a verdade.

Não havia engano possivel. O modo de falar, a phisionomia, o gesto, o olhar, tudo me dizia: — Elle gosta de Violante, mas não foi elle que a raptou.

— Creio-o, disse-lhe; mas, diga-me, peço-lhe, nada notou n'essa noite em que foram á *Haydée?*

— *Haydée!* exclamou San Croce. Tem razão. Esse nome traz-me á lembrança umas observações que fiz n'essa noite e a que não liguei importancia alguma; mas hoje dão luz viva ao que tão escuro nos parece.

E o Duque sentou-se ao meu lado e disse-me:

— Não lhe occultarei, meu amigo — pois que embóra mais feliz do que eu junto de Violante, sempre para mim ficou sendo um amigo — não lhe occultarei que de ha tempos a esta parte julguei ver certa mudança no feitio e sentimentos de madame Farretti. Muita vez a vi distrahida; já não mostrava tão frequentemente os dentes incomparaveis no riso sonoro que me fazia sempre estremecer. — Symptoma e dos mais graves, meu amigo; — já não era coquette! Parecia desdenhar d'esses encantadores triumphos que tanto as mulheres gostam de ter sobre as outras mulheres. Já lhe não sorria a belleza e esquecia-se de brilhar pela graça á custa das amigas. Nunca observou isto, meu querido Paulo, porque os amantes favorecidos são como os maridos; só se vêem a si na mulher amada — assim é que não vêem nem palmo adeante. Mas eu, que conservava uma longinqua esperança, estudava ao microscopio o que o amigo não via pelo telescopio da ventura.

— Peço-lhe, San Croce, poupe-me e diga-me apenas o que notou n'essa tal noite...

— Já lá vamos, respondeu o Duque; mas, antes, deixe-me dizer-lhe ainda, para mais esclarecimentos, que madame Farretti, apoz essa mudança, gostava de me falar da Italia. Por vezes, acontecia-lhe travar uma longa conversação n'essa bella lingua veneziana que tão bem fala; respondia-lhe no meu dialecto napolitano e lá nos comprehendiamos melhor ou peior. Depois, quasi sempre, punha ponto rapido n'estas trocas nacionaes para exclamar: «Que tolice! já não sou uma criança veneziana, sou uma alta senhora parisiense, uma rainha de contrabando, como alguem m'o predissera!» Esta reflexão feita varias vezes na minha presença, confundia-me.

—Pobre Violante! disse eu ao Duque. Agora adivinho. Mas fale-me na representação da *Haydée*.

—N'essa noite, madame Farretti pareceu-me n'uma alegria febril. No caminho de sua casa até á Opera Comica teve mil ditos engraçados; nunca o caminho me pareceu tão curto. Perguntei-lhe quando o Hauteroche voltava. «Conto estar com elle ámanhã á noite ou depois de ámanhã de manhã» respondeu. De resto, nem palavra das suas tenções de ir ter comsigo. Quando entrámos no camarote, como sempre, lembro-me do estremecimento da platéa e da agitação dos binoculos que saudaram a apparição de madame Farretti. —Nunca a vi tão linda como n'essa noite. Que esplendor no sorriso desabrochado! Mas de repente, ao cabo d'uns minutos, uma sombra cobre-lhe o rosto, os olhos embaciam-se ligeiramente, os labios tremem como agitados por uma convulsão muda. Eu não tirava os olhos d'ella. —Que quer? Fazia, ou, antes, cuidava fazer o papel da serpente tentadora. Quando Haydée adormecida no primeiro plano d'aquelle soberbo scenario, que faz adivinhar a formosura de Veneza aos que lá nunca foram, suspirou o canto dulcissimo—*Oh! bella Veneza!*—madame Farretti empallideceu, inclinou para a frente a cabeça, e julguei ver-lhe umas lagrimas nas palpebras cerradas, quando em voz baixa a ouvi murmurar: —«É isto! Que divino artista poude achar taes notas?» De repente, muito antes do fim do acto, levantou-se: «—Senhor Duque, disse-me com voz apagada, desejo voltar para casa. Não se incommode, voltarei sósinha.» Sahiu do camarote e eu acompanhei-a até ao perystilo. —«A proposito, disse-me entrando na carruagem, não vá lá amanhã, porque parto.» —Como assim? Parte? —Vou ter com o meu namorado, tinha-me esquecido de lh'o dizer.» Fiquei surprezo, não percebendo nada d'essa resolução, sem duvida repentina. Mas nunca contradigo mulheres, porque as conheço.

Tudo eu escutava silenciosamente e pasmado.

—E agora, meu caro Paulo, ajuntou San Croce, conte-me o que em casa lhe disseram sobre este desapparecimento. Os dois juntos decifraremos o enigma, que estou quasi matando, me parece.

Contei a San Croce o que o João me tinha dito e não lhe escondi as duvidas que ainda ficavam no meu espirito.

—Não se vai ao theatro de companhia para se voltar sósinha.

O Duque indignou-se mas serenamente, assustado com a minha pallidez e o meu desgosto.

—Pois não lhe dei já a minha palavra? E, se me quer crer, parta ámanhã para Veneza onde, estou certo, encontrará madame Farretti. Tenho a certeza intima de que foi um ataque de subita nostalgia e que foi procurar a só cura possivel: Veneza!

—Mataram-me, disse ao Duque retirando me.

(Continúa)

NECROLOGIA

VICTORINO D'ALMADA

Surprehendeu-nos a noticia da morte de Victorino d'Almada, que nós conhecemos em Elvas, no vigor da vida, pois não tinha ainda 45 annos quando ali estivemos em 1889.

Então, como durante a maior parte da sua vida, dedicava-se elle aos estudos archeologicos e historicos, sobre as coisas da sua terra natal, estudos que ia fazendo no tempo que lhe restava das suas obrigações officiaes, e de que resultou o seu livro *Elementos para um diccionario de geographia e historia portugueza*, em 3 tomos, e que trata do concelho d'Elvas e extinctos de Barbacena, Villa Boim e Villa Fernando, publicado de 1888 a 1895.

Victorino de Sant'Anna Pereira d'Almada, nasceu em Elvas a 21 de setembro de 1845. Filho do major d'artilheria sr. José Maria Pereira d'Almada e de D. Francisca de Jesus Pereira d'Almada.

Assentou praça em artilheria n.º 2 a 1 de maio de 1861 e em 13 de agosto de 1866 foi promovido a tenente quartel-mestre. Em 13 de setembro de 1876 foi promovido a capitão quartel-mestre e pela ordem do exercito de 3 de novembro de 1884 passou ao regimento de artilheria n.º 5, sendo classificado capitão quartel-mestre de 1.ª classe por decreto de 5 de janeiro de 1887.

Em 24 de março de 1897, foi reformado.

VICTORINO D'ALMADA — FALLECIDO EM 31 DE MARÇO DE 1899

Desempenhou, sempre com zelo e intelligencia, varias commissões de serviço, e como recompensa da sua dedicação e meritos tinha a medalha de prata de comportamento exemplar e a insignia de cavalleiro da ordem de S. Bento d'Aviz.

Além da obra que já mencionámos, Victorino d'Almada deixou outros trabalhos litterarios que deu á estampa, e são: *O Manuscripto d'Affonso da Gama Palha, sobre a guerra da successão em Hespanha*. Elvas, 1876. *Francisco de Paula Santa Clara*, esboço biographico. Elvas, 1888. *Os quarteis-mestres*. Elvas, 1890.

Foi primeiro redactor do *Elvense* quando este jornal se fundou em 1880 e n'elle escreveu assiduamente até 1884, publicando ali varios estudos historicos.

Collaborou no *Jornal do Commercio*; *Diario Illustrado*; *Correio Elvense*; *O Tirocinio Litterario*; *Gil Fernandes*, periodico elvense; *Diario de Noticias*; *Jornal do Porto*; *Jornal da Noite* e outros.

Victorino d'Almada colligio durante a sua vida grande copia de documentos e subsidios historicos, que não chegou a publicar, e que formam um nucleo valioso que bem poderia ser adquirido pela camara d'Elvas para a sua bibliotheca, antes que se mal barate este precioso trabalho.

Victorino d'Almada falleceu com 54 annos incompletos, tendo trabalhado muito, sem que comtudo fosse devidamente agradecida a sua obra, o que segundo diz um seu biographo, n'um bello artigo publicado no *Correio Elvense*—a que nos soccorremos para estas breves linhas,— bastante concorreu para o desgostar e fazer cahir em grande tristeza, nos ultimos annos da sua vida.

Recebemos e agradecemos:

Caçadas Portuguezas. — *Paizagens, Figuras do campo, por Zacharias d'Aça, Lisboa, Companhia Nacional Editora, 1899.*

A litteratura cynegetica portugueza é extremamente mingoada, e todavia alguns dos nossos mais illustres escriptores são tambem ferverosos devotos de Santo Huberto. As narrativas venatorias, as descripções das mais curiosas peripecias de caçadas realisadas no nosso paiz e outros escriptos do mesmo genero deveriam pois abundar e tanto na qualidade como na quantidade. Não succede comtudo assim, para lastima de todos. Por isso, com verdadeiro alvoroço recebemos este livro do nosso prezado amigo e collaborador sr. Zacharias d'Aça e do qual os leitores já conhecem varios capitulos, por terem sido publicados primitivamente n'esta revista.

As *Caçadas portuguezas* constituem uma agradavel collecção de encantadoras e suggestivas descripções campezinas, de figuras do campo finamente observadas, que respiram o perfume das estevas e das urzes, realçadas com um vivo tom local, que muito as anima. Zacharias d'Aça tem o dom de nol-as pintar com o mais vivo colorido da realidade. Os capitulos do presente livro, segundo o proprio auctor o declara, são, salvo duas ou tres excepções, alguns capitulos da sua vida que mais gozo lhe deram em fazer reviver.

Fallando do caçador, do seu modo de ser e razão de existir, nas rapidas linhas do prefacio, accrescenta Zacharias d'Aça:

«Individualidade complexa, esta do caçador tem algo do soldado, do viajante, do aventureiro e do artista. De tudo isto parece-me que o leitor encontrará alguns reflexos e vislumbres nas paginas d'estas narrativas. Quadros, scenas, paizagens, marinhas, figuras — tudo é desenhado ou esboçado do natural, com excepção de *Tragedia na caça*, que me foi contada por testemunha presencial, que não figura no lance, e do *Final d'uma caçada* — uma tradição da minha familia.»

Basta esta circumstancia para tornar as *Caçadas portuguezas* um livro deveras apreciado.

La Vida Litteraria — *N.º 13, Madrid, 6 de abril de 1899.*

Esta revista madrilena, que ha pouco nos começou visitando, conta entre os seus collaboradores o talentoso caricaturista e nosso compatriota Leal da Camara. No presente numero, fallando do moço artista, escreve a empreza:

«A nova empreza da *Vida Litteraria*, aproveitando a estada em Madrid do eminente caricaturista portuguez Leal da Camara, apressou-se a contractar a sua collaboração para este semanario, realisando um sacrificio mais, em beneficio do publico.

«Leal da Camara foi desterrado da sua patria por questões politicas.

«O lapis d'este insigne dezenhista rivalisa hoje com os primeiros de França e Allemanha.

«Os leitores da nossa revista podem apreciar a partir d'este numero a acquisição que fizemos, pelos dezenhos de Leal da Camara.»

Na verdade os desenhos revelam notavel habilidade e é com alegria que vemos justamente apreciado o joven artista.

Que a politica o não tente no paiz vizinho é o que sinceramente desejamos.

O Instituto — *Revista scientifica e litteraria, Coimbra, 1899.*

Esta antiga revista conimbricense alcança o seu numero IV do volume XLVI, com o numero relativo a abril. Insere a continuação de muitos artigos já por outras vezes mencionados, e distribuio agora um *fac-simile* de um autographo de Garrett. É a poesia *Mais Rosa*, que começa assim:

> Para todos tens carinhos,
> A ninguem mostras rigor
> Que rosa és tu sem espinhos?
> Ai, que não te intendo, flôr.